

João 12:1-8

Sermão por Lusmarina Campos Garcia

Ao redor da mesa, na casa de amigos, Jesus compartilha uma refeição. Ao redor da mesa, sua amizade é aprofundada, sua conversa, revelada, suas percepções aguçadas.

Ao redor da mesa, diferentes cheiros são percebidos, e um frasco de perfume revela o futuro.

Maria ungiu os pés de Jesus com um perfume importado, caro. Imagino que ela o usasse apenas em ocasiões muito especiais.

Sua ação foi uma declaração de amor, que os discípulos não entenderam, e uma declaração profética sobre algo que eles não estavam cientes.

Ao ungir Jesus, Maria estava antecipando a sua morte e proclamando-o como o Messias. Ela estava exercendo um papel profético.

Na tradição de Israel, reis e sacerdotes eram ungidos publicamente como um sinal de sua escolha por Deus para o exercício da função. Eram ungidos em suas cabeças, mas Maria ungiu os pés de Jesus. Por que os pés?

Porque os pés, naquele contexto, são um símbolo de poder, um símbolo de autoridade. Colocar algo aos pés de alguém é submetê-lo ao seu poder. Os escravos frequentemente caíam aos pés do seu Senhor, beijando-o e abraçando-o para demonstrar a sua submissão e para implorar perdão. No Novo Testamento, sentar-se aos pés de alguém significava ser um discípulo dessa pessoa.

Por outro lado, de acordo com as regras da hospitalidade, os visitantes deveriam ter os seus pés lavados como um sinal de boas-vindas e serviço por parte dos seus hospedeiros.

De fato, ao ungir os pés de Jesus, Maria está reconhecendo seu poder messiânico e se declarando sua discípula. Ela se coloca a serviço de Jesus. E dá a prova final de sua devoção usando o seu cabelo, que de acordo com Paulo, seria a "glória da mulher".

Significados profundos foram comunicados através da ação de Maria e muitas palavras foram ditas no silêncio; o silêncio de um gesto.

No entanto, aquela cena pareceu estranha para Judas, que rejeitou a atitude de Maria. "Por que esse perfume não foi vendido por trezentas moedas de prata e o dinheiro dado aos pobres?" Trezentas moedas de prata correspondiam ao salário de um ano inteiro para um trabalhador diarista. Que desperdício, avaliou Judas!

E assim os pobres se tornaram uma desculpa para quem colocava o dinheiro no centro da vida. Segundo o texto, Judas não estava preocupado com os pobres, mas com o dinheiro.

Mas é só Judas que coloca o dinheiro no centro da vida? Não vivemos todos nós em sociedades que priorizam o dinheiro, as relações comerciais, os ganhos financeiros, que atrelam o valor das pessoas a quanto elas possuem? Judas fala por todos nós quando colocamos o dinheiro no centro das nossas vidas e quando tudo se torna um produto a ser transformado em reais ou em dólares.

Quando as pessoas perdem o seu próprio valor e se tornam uma fonte de lucro para os outros, então o sentido das relações se perde.

Lutar por justiça social e pela redução da desigualdade é um chamado do Evangelho para todos e todas nós. Mas usar a vulnerabilidade das pessoas para ganhar dinheiro ou enriquecer, é uma distorção da nossa vocação.

O evangelho denuncia esse comportamento desviante ao dizer que Judas era ladrão. Ele tirava dinheiro da bolsa comum para servir a seus próprios propósitos. Isso mostra que nem todos numa comunidade compartilham os mesmos parâmetros éticos. E nós temos a responsabilidade de nomear comportamentos desviantes que colocam em risco a vida da comunidade e do país.

Quando colocamos o dinheiro no centro de nossas vidas ou usamos outras pessoas como justificativa para propósitos não declarados, não conseguimos ver o mistério escondido em um frasco de perfume.

Mas Jesus nos ajuda. Ao redor da mesa, ele disse: “Deixe Maria em paz!” Meu dia não é hoje, mas ela consegue ver o amanhã. Minha cruz não é para agora, mas ela sabe que está chegando. “Deixe-a em paz. Vocês sempre terão os pobres com vocês, mas não me terão a mim”.

Jesus não está justificando a existência da pobreza nem abrindo uma brecha para que a desigualdade social seja naturalizada, mas está pedindo que a ele seja permitido um momento de ternura. Um momento de ternura ao se aproximar da morte. A ternura nutre, dá força, produz coragem para enfrentarmos as situações mais duras, mais desestruturantes da vida. Ela nos ajuda a enfrentar até a morte.

Quem de nós não precisa de um momento de ternura?

Quero convidar vocês a fazerem um gesto de ternura para quem está ao seu lado.

“Deixe Maria em paz!” é uma maneira de preservar a última oportunidade de intimidade na casa dos amigos. Você também anseia por intimidade na casa dos seus amigos?

“Deixe Maria em paz!” é uma expressão forte para proteger a pessoa que foi a primeira a entender o futuro que aguardava Jesus: a sua morte iminente. Você está disposto, disposta, a permanecer firme com aqueles e aquelas que oferecem seus dons mais preciosos para servir Àquele que vive e morre por nós?

“Deixe Maria em paz!” é uma afirmação de que servir aos pobres, lutar pelo fim da desigualdade social, das injustiças -racial, de gênero, ambiental - é uma vocação que precisa ser acompanhada pelo amor a Deus, por ludicidade, por ternura. Essas coisas se pertencem mutuamente, uma não existe sem a outra.

Ao redor da mesa, o perfume da vida de Maria se torna o perfume da morte de Jesus.

Ao redor da mesa, o corpo ungido de Jesus se torna o corpo do mundo inteiro, hoje, amanhã e para sempre.

Amém.